

Ana Cristina César

Minha querida, acabo de falar contigo e estou muito emocionada.

Vou até a cozinha, tomo um antidistônico, ouço a empregada narrar o último capítulo de Anjo mau com brilhante expressão (adoro esses fuxicos de cozinha, papos de empregada, bastidores da TV Globo — mas só de vez em quando)

Lembro frase de Helô hoje. Tua carta me despertou por via indireta carinho por Helô, que eu agredi comicamente na última sessão do grupo de estudo, insensível à baratinado em que ela se encontrava semana passada.

Telefonei para dizer isso, sabe dismissed me lovingly, “você é louca mesmo”, riu, passou, falamos de você.

Sem querer desfiar o rosário interpretativo, realmente mamãe Clara e filhinha Ana Cristina...

Ainda mais se você me pega pelo pé do meu “brilhantismo”, que foi o primeiro e mais grave caminho que a minha sedução tomou.

Eu sei agora que desfiar interpretações, insistir sempre na mutualidade das obscuras transas, é querer repartir as boladas.

O que importa é que eu me sinto posta nos joelhos. Estou percebendo que sou briguenta, faço birra, aposta, leilão. Percebo e continuo a querer brigar.

Minha mãe (e meu pai também) foram crianças/jovens extremamente brilhantes (minha mãe foi primeira aluna de neolatinas, ganhou bolsa para França.

Meu pai era fortíssimo, passava fome, mas já aos 6 anos ganha bolsa no primário, tendo aprendido a ler sozinho, na Bíblia, acompanhando as leituras diárias dos cultos da família protestante, pai pastor, do Gênesis ao Apocalipse e de volta).

Foram, mas hoje são classe média archoçada, trabalhando demais. Criaram pelo menos dois em três filhos para gênio, pensaram, pensam? “ Você vai continuar e conseguir o que eu tive vontade, mas não capacidade. ”

Os três filhos precisam de muita análise, só dois estão fazendo (não exatamente os dois de cima).

Você continua extremamente engraçada e carinhosa. Querida.

Minha mãe me mostrou uma revistinha que você ia gostar de ver: chama “Her Contos”, era, é? Publicada em Itaúna com direção de Jeferson Ribeiro de Andrade e Jurema Dias de Andrade.

Capa: Guimarães montado num cavalo no meio dos sertões, de chapéu de safari e gordurinhas e ar bonachão.

Conteúdo: “Investigação sobre a presença de Itaúna na obra de J.G.R.”, de David de Carvalho, que pretende “identificar pessoas que conviveram com o autor, e que, no Sagarana passaram ao desempenho de personagens, ainda que elas se encontrem disfarçadas, desbocadas. E finalmente concluir que no Sagarana não há o inverossímil. ”

Não é fantástico? Seguem- se 25 páginas de nomes, mapas, cartas, fotos, fac-símiles, relatos de crimes.

Já que você falou em caixão, quer fazer o favor de abrir a pag. 118 da Estrela da vida inteira e reler A virgem Maria?

Sabe que eu não sabia naquela época, mas não há mesmo como o Bandeira?

Eu só sabia na infância, depois perdi para o chato do Carlos, que me cravou unhas, não dentes.

Mas vai lá, lê lá o poema que é para ti, com minhas dedicatórias, que eu espero até amanhã.

Na Semana Santa fui só com os dois irmãos para nosso sítio em Pedra Sonora. Fui só e ressentida de ir só. Culpa minha, que ando reclusa, fugida, trancada.

Se um dia você encontrar os seguintes casais: Miriam & Adalberto Telles e Mara Cesar Teixeira me avisa que eu tenho histórias para contar.

Estou atrasando uma ótima com as filhinhas da Patrícia.

Gosto muito de crianças. Saudades da Joana.

Como vai ela com análise? Olha que a homeopatia é joia.

Hoje eu estava fazendo xixi de cinco em cinco minutos e soube que meu bom médico homeopata, disse isso como se diz: O bom Deus.

Um dia me disse que quando o cérebro dispara a bexiga acompanha. Ou compensa, sei lá.

De resto: aulas no Souza Leão, hoje quase arranquei os cabelos porque os alunos ficaram histéricos com as notas,

Outras aulas, a máquina de escrever. Dispersa, dispersada.

As rasuras no papel correspondem a atos falhos? Vê então se me escreve, gostei tanto de te ler e te ouvir.

Beijos muitos, e saudades, e venha cá, e até. Ana.

PS: Estou fazendo yoga. Na minha turma tem a maioria de velhas de mais de 60 anos, e a Maria Frias, pondo-se de cabeça pra baixo.

Mando um poema que queria dar para os alunos, mas ainda não tive coragem. Agora vire a página e Beijos.

Sempre foi uma delícia receber cartas dela, no período que ela estava, os dois períodos que ela estava na Inglaterra e sobretudo cartões postais.

Acho que na escolha dos cartões, ela era mestre na escolha dos cartões.

Então acho que, claro ela sempre fez um super exercício estético epistolar e os grandes beneficiários hoje somos nós os destinatários.

As famílias de classe média como a nossa, tinham uma ideia de que viver no exterior era importante na formação.

E havia um discurso sobre isso, especialmente quando você está mais ou menos jovem.

Então tinha um monte de programas, esses programas de intercâmbio né, Que você viajava muito novo, com 17 anos de idade. Que foi a primeira viagem pra Inglaterra que ela fez né, com 17 anos de idade.

E que eu também fiz depois para os Estados Unidos com 17 anos e tal.

Agora, essas duas viagens dela, são completamente diferentes né, essas duas viagens longas para a Inglaterra.

Porque a primeira está bem novinha, com 17 anos e tal,

E não é uma proposta tão formal quanto a ideia do mestrado né, quando ela vai pra fazer o mestrado ela já está com um rumo muito mais definido de trajetória. Trajetória poética, trajetória profissional né.

Se tem alguma chave nessa história aqui, a chave é a própria vida. Não sei se tem momentos específicos.

Porque eu acho que alguma coisa da chave pessoal e poética dela está na enorme presença do outro na vida dela.

Pode parecer uma besteira dizer isso. Porque o outro está presente na vida de todo mundo, mas eu acho que é um sintoma dela.

Eu sinto também que é um sintoma meu, essa presença forte do outro. Seja do outro em “o” maiúsculo ou “o” minúsculo. Ou do “o” meio maiúsculo ou do “o” meio minúsculo, qualquer que seja o outro.

E eu acho que isso sempre esteve muito presente na vida dela e é uma marca assim, da busca, o encontro, a presença. É meio que a presença permanente de um outro.

É uma produção, que é de arrancar cabelos.

Aquela velha história de que inspiração é só o começo e a transpiração requer tudo né.

É um esforço, é um trabalho muito grande. E ela fala disso aqui né.

Tantos poemas que perdi, isso para mim é maravilhoso.

Os poemas que a gente perde né. As ideias que a gente perde na vida.

Você pensou e depois você abandona, o texto que você começa a escrever na sua cabeça, e que você nunca passa para o papel. Ou que você passa mas desiste desse texto né.

Ou mesmo os poemas que perdi, perdeu porque descartou né.

Embora esses poemas que perdi, para mim, passam a ideia de que perdeu mesmo. Sabe? Escapou.

Tantos poemas que perdi.
Tantos que ouvi, de graça,
pelo telefone – taí,
eu fiz tudo pra você gostar,
fui mulher vulgar,
meia-bruxa, meia-fera,
risinho modernista
arranhando na garganta,
malandra, bicha,
bem viada, vândala,
talvez maquiavélica,
e um dia empurrei-me,
vali-me de medidas
era comércio, avara,
embora um pouco burra,
porque inteligente me punha
logo rubra, ou ao contrário, cara
pálida que desconhece
o próprio cor-de-rosa,
e tantas fiz, talvez
querendo a glória, a outra
cena à luz de spots,
talvez apenas teu carinho,
mas tantas, tantas fiz.

Amor, sabe que não parei de pensar em casamento desde que chegou a tua carta maravilha? Antes de viajar confessei para mamãe: assim que voltar caso com o Marcos. E tenho um filhinho aos 30 anos, acrescentei esses dias de agora. Isso quer dizer que comecei a pensar em voltar, sim. E também que ando tristonha. Fica sozinho e frio de repente. Então imagino que o Marcos fica comigo e me aquece de noite.

Será que é verdade? Mas ele é o único namorado que eu não esqueço. Tenho AFETO. Só não vai lá um imaginário que puxa para um buraco. Tinha um recado para você no texto sobre o Caetano, você viu?

Aqui é o maior atrito do mundo, especialmente quando passa aquele delírio inicial em que até supermercado é exciting.

Atualmente, depois de andar dizendo que não tinha Brasil nem aí, pintou a fase de saudade, especialmente com a invenção do século que é o telefone.

Televisão não dá saudade. Rádio dá saudade porque toca “so cry no more on the shore” que era a música de mim assistindo a Carina.

Agora, no mais, não faz taxímetro que a Embratel daqui sai barato. Tudo parece barato porque 100 cruzeiros é só 1 libra. Fica faltando zero, sabe como é? E se você guarda 1 libra no banco, em seis meses no Brasil você fica cheia de zero.

Já o meu horóscopo diz que faço excelente progresso até o outono de 80 mas que o inverno será um problem período.

Minha volta está mais ou menos projetada para então, mas então como conciliar hemisfério se aí é verão de novo? Vai ver eu vou driblar dois invernos e segurar a barra.

Altas viagens espirituais é o que vale. Faço cálculos e cronogramas, tento yoga, manual de psicologia e rituais variados, como anotar sonhos, aperfeiçoar diários e suflês de palmito. Aprender inglês com o Nabokov, pela primeira vez vejo a língua inglesa em Lolita, que aliás foi o Armando que me mandou ler um dia por uma razão psicanalítica qualquer.

Tem uma hora, ou um uso, em que a psicanálise vira uma maluquice de uma falação que faz um sentido danado mas fica ERRADO.

De Lolita eu admiro a sintaxe comprida e coleante, que os irmãos Campos não gostam, mas é na sintaxe que pinta o meu desejo, and so what?

Da Melanie Klein admirei uma coisa que era uma ÉTICA, você não acha que existe isso aí?

Tua carta eu fico lendo e lendo. Búzios foi uma pesada, mas é isso aí esse ano, agora acabou.

Comprei uns discos pelas capas, mais olho que ouvido. E tem uma que é prateada, azul e preta, olhei a minha capa. Tem uma outra dos BEACH BOYS que é só de cartão postal kitsch-pop- havaiano com a sombrinha do cartão postal picotado atrás. Tem outro de um conjunto bom chamado 10CC, que se chama HOW DARE YOU e tem cenas completas assim:

1. Kodacolor do executivo no escritório falando ao telefone.
 2. Idem da mulher no sofá, descabelada, robe branco, copo de gin, telefone também, um carro esporte chegando pela janela que dá para o jardim.
 3. Velho cafajeste num telefone público (cabine vermelha) com lenço na boca e sorriso nos lábios e na rua a alguns pés o jovem casal se abraçando no lusco-fusco.
- Gosto muito disso. Quero transar uma capa igual: uma fotografia colorida dessas que ficam na porta do cinema.

Me conta se o Marcos está mais seguro de si, como se diz me deu uma aflição que numa carta ele falou que o Montenegro tinha dito que trabalhar não estava com nada e ele ficou cheio das dúvidas.

Eu contei que namorei o Gilberto Vasconcelos em Paris, não contei? Isso depois de longos papos engraçados onde ele contava e recontava a SBPC! Ele tinha que fazer acting-out.

Nunca mais esqueceu aquela mulher indiferente e deve estar saliente agora. Ele é muito saliente e interessante mas tem um daqueles casos de longa vida com uma menina de SP bacaninha.

Ele prometeu fazer SP comigo e inventei uma pesquisa fantástica com ele, tipo "who's who" nas capitais brasileiras, de Manaus a Juiz de Fora, quem se considera vanguarda, bares, piqueniques etc.

Às vezes dou conferências sobre o Brasil e falo do Brasil igual eles falam do Brasil para mim. Não existe direito. Gosto de mostrar praias e prédios enormes.

Estou com um inglês danado, será que dá para eu vender aí quando voltar? Pergunta numa faculdade se não querem implantar um curso de tradução literária, mas não pode ser em curso de línguas tipo português-inglês que nessa eu não entro, as meninas não são chatas?

Atualmente entre outras coisas a Beth me deixa nervosa com papos de não voltar mais. Não quero ver. Ou quero virar uma moça daquelas, que ninguém oprime não, baby.

Muito fera e com aquelas ideias simpáticas de casamento, não tomo bem as histórias de Pariscope e suas andróginas. Não quero ser moderna nem mestre em sofrimentos. Muitas declarações de amor, Beijos, Ana.

P.S. urgente: Releio e penso, acho o texto de vocês dos Anos 70 muito bom mesmo. E tento não fazer imaginações sobre a coautoria.

Normalmente os fragmentos do diário são meio misteriosos né.

Você não sabe ao o que ela está se referindo, isso é proposital. Porque isso vira uma roupa de medida universal, isto é.

Qualquer leitor pode se identificar, porque qualquer leitor pode preencher aquelas entrelinhas com situações da sua própria vida.

Por isso que eu penso que essa leitura tem um apelo tão grande, porque você está lendo algo que você não entende direito muitas vezes o poema dela. Com a situação em que ela está se referindo.

Ela é misteriosa, mas isso no fundo acaba sendo um ganho, porque ela está se correspondendo com você, leitor, ela está tornando o poema também seu. Penso que uma das maiores dificuldades de traduzir Ana Cristina Cesar é manter a ambiguidade dos seus versos.

E quando você traduz tem um pouco de interpretação, então você tem que fazer algumas escolhas que vão fechar algumas portas do significado original.

Não a nada de espontâneo na escrita dela, então você vê isso pesos rascunhos, a reescrita constante, obsessiva, de cada um dos poemas e cada um dos textos. Então isso fica claro vendo os manuscritos.

Então, por exemplo, ela tem em um poema “ Brasília é tombada. “ E o verso pode significar... “Tombada” tem dois significados completamente opostos, pode significar que é protegido, sabe? Pelo governo, como um lugar histórico, ou pode significar que está totalmente colapsada, destruída.

Então nesse poema é “Brasília é tombada” e depois... Deixe-me ver, não estou segura sobre o que acontece depois.

É “ iluminada. “ Então, Brasília é protegida ou Brasília desabou.

É uma ótima piada em português, mas em inglês ainda estamos discutindo sobre qual das interpretações escolher. E no inglês nós temos que escolher.

Então, a Ana Cristina César começou a escrever nos anos 70, ela nasceu em 52 então na sua juventude, ela era aluna da PUC no Rio de Janeiro de letras e começou a escrever num momento em que uma nova geração de poetas estavam também começando. A chamada geração marginal.

O Chacal, o Charles, o Afonso Henrique Neto, o Eudoro Augusto. São todos poetas da mesma geração.

E a primeira vez que ela publicou em livro foi justamente junto com esses poetas num livro chamado 26 poetas hoje de 76. Organizado pela professora Elisa Buarque de Holanda.

Depois disso, ela publicou vários livrinhos pequenos, semi artesanais, como era hábito na época, não é?

Que são o Correspondência Completa, um livrinho bem pequenininho que inclusive foi bolado junto com a Elisa Buarque de Holanda, que vinha embrulhadinho num plástico, vendo do nas bancas como se fosse uma coisa meio secreta.

Aí o Luvas de Pelica e o Cenas de Abril são todos livros que ela fez, por exemplo, com papéis coloridos. Então por exemplo no dia do lançamento ela distribuía um verde, uma cor de rosa, um azul. Como se fosse o homem do realejo. Distribuindo para as pessoas.

Então havia também uma pessoalização, na forma de fazer os livros.

Depois, no começo dos anos 80, a editora brasiliense começou a lançar esses poetas. O Francisco Alvim, o Chacal, o Leminski.

Numa edição comercial de grande circulação que era o cantadas literárias.

E nesse contexto que saiu então, o primeiro livro impresso por uma grande editora que foi o A Teus Pés, publicado em 1982. E que reúne essa produção anterior e acrescenta novos poemas.

Esse é na verdade o único livro em que a Ana Cristina Cesar publicou em vida.

A questão do meio é importante né. Tem os carteiros, eles enterram as cartas, eles não entregam.

Então os carteiros, eles ficam amigos dela.

Então ela conversa muito com o carteiro. É tão interessante esse lugar da intermediação.

A questão de, para quem vai chegar o meu texto? O meu poema?

Outra referência muito forte são as cartas, outra referência são os cartões postais.

Então a ideia de que o poeta está longe. Está viajando. E ele está se relacionando com você, que está te trazendo alguma coisa de longe.

Não à toa ela queria que o livro dela se chamasse Meios de Transporte e não A Teus Pés num primeiro momento.

Samba-canção
Tantos poemas que perdi.
Tantos que ouvi, de graça,
pelo telefone – taí,
eu fiz tudo pra você gostar,
fui mulher vulgar,
meia-bruxa, meia-fera,
risinho modernista
arranhando na garganta,
malandra, bicha,
bem viada, vândala,
talvez maquiavélica,
e um dia empurrei-me,
vali-me de medidas
era comércio, avara,
embora um pouco burra,
porque inteligente me punha
logo rubra, ou ao contrário, cara
pálida que desconhece
o próprio cor-de-rosa,
e tantas fiz, talvez
querendo a glória, a outra
cena à luz de spots,
talvez apenas teu carinho,
mas tantas, tantas fiz.”

Não sei se vocês chegaram a se perguntar porque que eu de certa forma fui tão identificada com a questão do diário e a questão da correspondência O que é isso de diário e correspondência? Que tipo de texto é?

Carta é o tipo de texto que você está se dirigindo a alguém.

Que está escrevendo carta, não é pelo prazer do texto, não é pelo poema em que você está reproduzindo, não é a questão em que você está levantando.

Fundamentalmente carta você escreve para mobilizar alguém.

Especialmente se a gente entra no terreno da paixão.

Diário? Também, quando você mexe mais no diário, existe muito aquela expressão “querido diário”

E a literatura? Alguém produz a literatura propriamente.

Qual a diferença em relação a esses gêneros? Você está escrevendo para todo mundo? Você está escrevendo para todo mundo?

Bom, se você escreve literatura, o impulso de mobilizar alguém, que a gente podia chamar de o outro. Continua, persiste. Mas você não sabe direito, e quem é esse interlocutor?

Inclusive, não sei se vocês notaram o título do vídeo, A Teus Pés, já contém uma referência ao interlocutor. A Teus Pés, pés de quem? Muita gente me perguntou, muita gente se intrigou com isso, mas não é que seja alguém determinado.

Isso significa que aqui existe uma mulher muito obsessiva nessa preocupação com o interlocutor, que eu acho inclusive que é um traço de uma literatura feminina, é feminina, mas não é necessariamente escrita por uma mulher. É minha posição.

Acho que a gente pode ter várias frases, de repente com uma escrita feminina.

Existem muitos autores que publicam seu diário, mesmo. Aqui não é um diário mesmo, não é meu diário, não é realmente algo que faz parte da minha vida.

A ideia seria o seguinte, ao escrever, você poderia ser movido pelas duas intenções, você pode ser movido pela intenção de rasgar a divisa da verdade, traduzir a verdade.

Ou você pode ter um olhar estetizante, quando você estetiza, quando você mexe num material inicial você já constrói uma coisa. Então você sai, você finge, é tudo uma questão de fingimento normalmente.

Ao produzir literatura eu não faço frases de verdade, eu tenho uma opção para a construção, é essa armadilha que eu estou propondo.

Amor, isto não é um livro. Isto sou eu, sou eu que você segura e sou eu que te seguro. Isto representa, digamos, o escancaramento do desejo. O que todo peixe desejaria em um estésio.

Vale a pena dar uma sacada no (Áudio não entendido 28:33) eu estou assim, muito inspirada pelo (Áudio não entendido 28:38) eu acho que é um poeta incrível, vale a pena.

Eu queria me comunicar, eu queria jogar minha intimidade, mas ela foge eternamente. Ela tem um ponto de fuga. Que é diferente da Correspondência, que é diferente do diário.

Mesmo que eu pegue um diário, como eu tentei fazer e coloque ali como literatura, mesmo assim...

Depois vocês me escrevam cartas, eu quero receber cartas tá? Vocês me escrevam cartas de que vocês acharam.

Minha querida, é engraçado como a correspondência, não ausência! Da nostalgias. Reparei que me atropelou e gaguejou um pouco e corto as palavras e anacolutos pintam quando eu falo.

É como se eu pudesse dizer melhor, mais Limpo, mas completo, mais ousado ao escrever. Talvez seja engano, não adianta, sou fascinada pelas letras.

Estou te citando mais uma vez para dizer que: 1: Estou como te disse descartando meus gestos de alimentar curiosidade, sentidos implícitos, mistérios do não-ditos, suspenses apaixonados, etc., etc.

Não quero obstinadamente, exasperadamente, mesmo contra a maré. E além do mais me sinto e quero me sentir tão mais à vontade contigo.

2: Como ficou claro em cartaz, o teu pretensiosa não se justificou. Te descobrir com uma leitora ótima, Mário Andradina. Liste as maravilhosas cartas dele ao Drummond? Quando tiveres tempo se não for por carta a gente conversa em fevereiro? Arrumei legal o meu quarto de hóspede.

Ai Meu Deus quase enveredou por uma carta.

Como diz o Mário sofro de gigantismo epistolar, pelo menos no coração.

Saudades, beijos, Ana.

PS: Estou juntando aqui um texto para o Gelson, não boto junto com os outros porque não é poesia nem propriamente literatura, é mais biográfico metido a besta.

Eu junto porque eu disse que ia mostrar para ele, e detesto o meu próprio suspense irresolvido.

Diz para ele que não aceita aquele papo de parti pris, sempre se gosta das coisas que os amigos escrevem.

Ela chegou em casa e escreveu a história, amigos a anos, amizade intelectual, altos e baixos distanciados, ela fez durante o tempo fantasias eróticas que terminavam sempre. Nunca será meu homem nunca serei sua mulher.

Às vezes as fantasias cresciam, ela nunca estava completamente à vontade, tinha de fazer figura. Para de me olhar com esse ar de deboche.

Uai minha cara é assim mesmo.

Ela estava de pé, folheando livros, comentando os ensaios do dia, ombros meio duros, meio levantados, meio caídos, na presença dele ela não sentia bem seu corpo feminino.

Ele veio despercebido e segurou nela, passou as mãos em volta dela. Tão mais baixo do que eu ela pensou primeiro, depois lembrou o que pensava sempre nunca serei nunca será.

Só então pensou, lembrou e as palavras vieram fáceis. Ela conhecia bem e sabia explicar o movimento dos seus ossos, seus terrores. Ele também se conhecia e soube ouvir com aquele mesmo sorriso.

Para de me olhar, mas dessa vez ela se assustou consigo mesma, o braço dele veio de novo, ela se dobrou, a boca abriu de riso bobo sem controle. Eu sei que a minha boca abre boba, as paredes vão bobas.

O braço dele não insiste, ela não pode ser quer perceber essa ternura e sabe. Ia saindo e sua imaginação literatura, saio daqui e pega o primeiro que buzinar na rua, 2 buzinaaram.

Ela já conhecia engodo, tremeu diante da casa da Banha noturna, Luz Neon e o corpo dele.

Como era possível? Em casa havia família adormecida, a dor nos olhos, o calmante que vende sem receita.

Fez cocô demais, de mais por hoje. Lá até peidei alto e ele ouviu e não houve nada parecia até irmão. No cocô pensava amanhã, escrevo isso, contudo não posso conceber essa ternura, não posso conceber de uma vez só.

Amanhã escrevo tudo sem ritmo sem estilo, aí solto os meus ombros como não soltei com ele lá. Não resistiu e escreveu imediatamente, só não disse nem quis saber, mas dessa Luz Neon sorriso de ternura lá dele. Vê se não me olha assim patusco.

PS: será que isso funciona como literatura? Alguém que não soubesse quem sou não me conhecesse acharia interessante? Esquisito, a literatura parece ser um lugar de dizer com ousadia que eu não teria na vida real, o foco em terceiro e o discurso indireto livre aparece como perigosos artificios. Não sei isso me confunde, mas por outro lado é tão mais interessante que o belo em si de certos poemas a solução que vejo é uma forma ainda híbrida.

Porque a Ana tinha um grande humor em relação a ela mesma, tinha uma autonomia muito boa, nos poemas você vê, ela está se desenhando e ela está curtindo esse desenho ao mesmo tempo.

Então ela tem esse desapego da figura do grande autor, que é um apego da poesia marginal, mas ela tem esse diferencial muito claro, que é o trabalho artesanal literário. Já discuti muito sobre isso em vários lugares, tenho amigos poetas que acham um absurdo. E falar que eu escrevo sobre coisas que eu não vivi, que outras pessoas viveram e eu me apropriei, mas essa necessidade extremamente biográfica. De uma poesia mais biográfica, não sei se eu posso dizer assim.

Eu não vejo muito no meu trabalho, mas também vou mentindo né, cada hora eu conto uma coisa.

Eu acho que a relação da Ana com o interlocutor era sempre muito especial, acho que isso é que faz a poesia dela. Porque ela sempre falava para alguém.

Esse alguém podia ser conhecido no caso das cartas e podia ser desconhecido no caso da poesia.

Mas mesmo no caso da poesia que esse interlocutor era desconhecido, ela queria abraçar esse interlocutor.

Ela seduzia, ela chegava perto, ela piscava, ela confundia. Ela tinha um jogo de sedução e de afirmação sempre falando com o outro.

Eu nunca vi a Ana Cristina voltada totalmente para si, quando ela falava de si ela falava para alguém.

Eu acho que ela é uma poeta irresistível assim, o jeito como ela escreve, não sei.

Eu sinto uma sedução na Ana Cristina eu acho que essa aura sedutora permeia não só a vida privada dela como a obra.

A minha leitura mudou muito dela com os anos, porque eu lia no calor da hora, eu montava os livrinhos com ela.

E a minha leitura toda era do coloquial, era do contemporâneo.

Ela ainda não tinha, na minha cabeça configurado esse mito, ela não tinha configurado uma estética de perguntas, de encenações. E eu via mais ou menos.

Eu gostava muito do poema quietinho, mas depois o poema cresce eu acho.

O poema da Ana ele ecoa, ele se desdobra muito.

Muita coisa eu não compreendia e isso é muito louco também na Cristina, eu não precisava entender para gostar sabe?

Então eu acho que isso é a marca dela, ela não voltar para si, não é um espelho, mas é uma plataforma, um palco eu acho.

Lendo os poemas dela e todo aquele mistério, aquela beleza e um jeito de pensar e escrever, numa época que as mulheres não publicava tanto e não circulavam tanto. Eu acho que a Ana Cristina deixou um ponto de interrogação no ar, ela deixou um grito parado no ar.

Ana Cristina fala muito da mulher na época dela, que era uma mulher de transição, você vê que a posição dela no feminismo é muito dúbia né.

Ela tem aquele artigo sobre a feminista Silvia Ribeirão, que é uma feminista hard, que não entendia literatura, mas que ela pendia para lá e pendia para cá. Ela era obcecada pelo tema mulher.

Ela tinha muita dúvida. E ela contou.

Então ela fez todas as personagens dela. Vai da mulher mais cheia de medidas como esse poema diz, mais luvas de pelica.

Até a mais violenta, a mais agressiva, a mais dura né. A que fala, o meu hímen está coçando.

Ela passa por todas as nuances, ela vai da terna, da desesperada, para a deprimida. Ela faz milhares de papéis. Ela era uma procura daquela coisa que ela rejeitava tanto chamada a essência feminina.

Que é uma coisa, que ela disse que não existe com toda razão, mas que ela queria colocar talvez a resposta, mas não a pergunta. O que é isso?

Era uma coisa central na obra da Cristina é uma intimidade que você tem acesso em parte. Porque ao mesmo tempo você tem a sensação de que você está lendo o bilhete que ela leu e escreveu.

Às vezes você fica tentando pensar para quem foram esses bilhetes.

Mas você também não tem acesso a muita coisa, porque tem uma telegrafia muito própria né.

Eu acho que eu nunca mostraria os meus bilhetes.

Aquele livro das cartas por exemplo, da Ana. Eu botei as fotos de propósito.

Ela é morena com vestido de rendas deitada, no outro ela é uma menina listrada indo para a praia, mesmo nua, ela é uma nua performática, não é uma nua erótica.

É uma nua que é um design né.

É uma coisa muito incrível, como a Ana se representou. Isso bate na leitura dela hoje e não tem condição.

É uma coisa que eu vejo retroativamente. Eu vejo essa natureza da performance da Ana no texto dela. Coisa que na época eu não via.

Eu estava vendo contemporânea, eu estava vendo que era muito boa aquela poesia, mas eu não tinha noção que era reverbera, que eu acho que é o que mais reverbera da poesia dela até hoje.

A Correspondência Completa foi feita uma vez eu pedi a ela, eu estava em Búzios com ela passando as férias, e eu pedi a ela para fazer uma carta falsa.

E a gente publica como sendo correspondência completa.

Ela sentou e escreveu imediatamente, uma carta enorme em 10 minutos.

E então a Ana fez aquela carta e a gente fez um livrinho proibido.

Foi muito bonitinho, a gente fez o livrinho em xerox, depois passou um plástico proibido, passou a ferro para trancar.

Naquele tempo as revistas que eram proibidas, as pornográficas etc. eram trancadas e você não podia abrir.

E botou que era a segunda edição quando não tinha, foi todo um jogo a feitura dessa carta.

E era uma carta ficcional, que na realidade ela estava falando mal das duas pessoas que estariam recebendo essa carta.

Que era eu que estava pedindo e o armando em seguida. E antes do dia de ser publicada.

E então essa carta teve esse lado lúdico assim, esse lado engraçado, esse lado pré-textual.

Mas o segundo não. O segundo foi doloroso, eu sabia que a Ana gostava muito de carta, eu sabia que as cartas de Ana eram ainda mais autênticas a literatura. E eu sabia que ela tinha escrito para muita gente.

Então Armando e eu resolvemos pegar as cartas e fazer uma publicação, então a gente pediu as minhas cartas, de mais 3 amigas e fizemos um processo editorial complicado.

Que a gente leu as cartas, tirou as coisas que pudessem dar um constrangimento para a pessoa, porque às vezes em carta você fala mal de cicano, mal de fulano.

Então a gente teve muito cuidado para que fosse uma publicação delicada, e não uma publicação da intimidade.

A gente queria muito que fosse uma publicação da literatura, então muitas coisas foram tiradas daquelas cartas por delicadeza e para valorizar isso e não virar um potã, porque você boboia e o jornalista só pega as coisas que são maledicências ou conflitos etc. Que a gente não quis.

Então a gente deixou o lado literário e tirou as entradas possíveis. Então foi feito com muito cuidado, com muito carinho, com muito respeito. Porque era um não autorizado, quer dizer, ela não autorizou em vida.

Mas ela sempre disse que queria que publicassem as cartas dela, mas não aquelas.

Tinha uma questão ética aí complicada.

Nós tivemos muito carinho, publicando com muita confiança porque sabíamos o que a gente estava fazendo.

Um trabalho que ela gostaria e a gente chamou de Correspondência Incompleta, quando a outra que era de uma só era Correspondência Completa.

Era uma certa brincadeira exatamente para um remeter ao outro como você está fazendo agora.

Esse aqui chama "Samba-canção"

"Tantos poemas que perdi.

Tantos que ouvi, de graça,
pelo telefone – taí,
eu fiz tudo pra você gostar,
fui mulher vulgar,
meia-bruxa, meia-fera,
risinho modernista
arranhando na garganta,
malandra, bicha,
bem viada, vândala,
talvez maquiavélica,
e um dia empurrei-me,
vali-me de medidas
era comércio, avara,
embora um pouco burra,
porque inteligente me punha
logo rubra, ou ao contrário, cara
pálida que desconhece
o próprio cor-de-rosa,
e tantas fiz, talvez
querendo a glória, a outra
cena à luz de spots,
talvez apenas teu carinho,
mas tantas, tantas fiz".